

MARAVILHA: *Caminhos e Descaminhos da Ocupação do Espaço Urbano na década de 80**

*Elison Antonio Paim**
Neusa Weschenfeld Risso***
Terezinha Nardini*****

Resumo

Maravilha é um município localizado no Oeste Catarinense. Até 1987, sua economia era basicamente agrícola, com a maior parte de sua população morando na zona rural. Com a instalação do frigorífico de aves da Cooperativa Aurora, ocorreu um intenso processo migratório do campo para a cidade. Procuramos abordar neste artigo como essa migração influenciou na construção e distribuição dos espaços urbanos. Através de depoimentos orais e outras fontes, procuramos entender como diferentes sujeitos envolveram-se neste processo. Destaca-se o grande envolvimento do poder público ao investir grandes somas, seja para a reestruturação da cidade ou na instalação do frigorífico. O processo de reorganização dos espaços urbanos evidenciou uma divisão social: de um lado aqueles que foram incluídos neste processo, e de outro um grande número de excluídos, sem emprego, em condições precárias de moradia, etc.

Palavras-chave: Ocupação do espaço, migrações campo/cidade, industrialização, urbanização.

* Este artigo é uma versão modificada do trabalho de conclusão de curso -TCC, apresentado ao curso de História do Campus Chapecó em 1999.

** Professor do Campus-Chapecó no curso de História, Mestre em História Social pela PUC de São Paulo, Doutorando em Educação pela UNICAMP.

*** Professora de História na Rede Pública Estadual de Santa Catarina no município de Santa Terezinha do Progresso.

**** Professora de História na Rede Pública Estadual de Santa Catarina no município de Maravilha.

1. Considerações iniciais

A partir da industrialização vivenciada na década de 80 em Maravilha - SC, buscaremos através deste estudo ressaltar alguns aspectos da *nova cidade*, que se formou com a instalação do frigorífico Aurora, bem como os problemas econômicos, sociais e culturais que se acentuaram a partir de então.

Faremos uma breve revisão sobre aspectos históricos do início da colonização de Maravilha. Buscaremos nesta parte do trabalho os fatores que contribuíram para que houvesse a colonização, destacando a atuação da Colonizadora Sul Brasil, que buscou, na riqueza natural da terra, o estímulo para trazer do Rio Grande do Sul, muitos colonos, principalmente descendentes de alemães e italianos para que ficassem na terra maravilhosa. Destacamos ainda a questão dos caboclos que já residiam em Maravilha.

A temática deste trabalho se insere, portanto, em áreas relevantes da Historiografia: que são cultura e cidade. Foi importante para esta pesquisa trabalharmos com Williams (1989), que nos remete a pensarmos a vivência das comunidades humanas; Thompson (1981), ao trabalhar a questão das experiências, nos leva a questionarmos como as pessoas vivenciaram a urbanização de Maravilha; Le Goff (1992) nos fez perceber a história vivida das sociedades humanas através da memória pessoal e coletiva. Esses autores nos instigaram a buscar documentos, entrevistas e várias outras fontes. A partir dessas leituras, buscamos analisar homens e mulheres como sujeitos que experimentam e analisam as situações vividas. Buscamos também embasamento em Fenelon (1983), que trabalha com a *perspectiva da História Social*, em Samuel (1990), e elementos sobre história local e oral. Usamos ainda Carlos (1992), que percebe que *a cidade é um lugar contraditório*.

Esses autores, além de trabalharem com história local, história oral e perspectivas de investigação, desenvolvem teorias sobre as mudanças sociais e econômicas que ocorrem nas sociedades. Percebem as contradições e as marcas que são deixadas pelas constantes transformações, pelas quais passa o espaço, implicando em novos ritmos de vida, novos valores.

A pesquisa remeteu-nos à Historiografia local e regional, com os trabalhos realizados por Gialdi (1993), que descreve o início da colonização em Maravilha, Werlang (1995) que faz um apanhado geral da atuação da Colonizadora Sul Brasil. Esses autores buscam relatar a atuação das Colonizadoras no Oeste de Santa Catarina, enfatizando a questão dos imigrantes e trazendo à tona a história daqueles que foram excluídos ou pouco são considerados, por exemplo, os índios e caboclos que já habitavam essa região.

Embora muitas pesquisas já tenham sido efetuadas sobre a industrialização, procuramos mostrar alguns aspectos negativos dessas indústrias nas cidades onde elas se instalam. Analisamos a questão do êxodo rural, pois muitas famílias deixam o campo em busca de vida nova na cidade; também trabalhamos as mudanças culturais, que surgem a partir dessa vinda para as cidades. Relatamos, ainda, a questão do urbanismo que constitui-se como necessidade para embelezamento da cidade, como exigência da indústria, bem como estas mudanças implicaram no crescimento populacional rápido e desordenado.

A pesquisa foi realizada na cidade de Maravilha entre fevereiro de 1998 e setembro de 1999. Procuramos mostrar, através da mesma, como a população em geral, principalmente os menos favorecidos, buscam *nova vida* a partir da indústria na cidade; como se produzem certas especificidades culturais frente à nova realidade em que se encontram as famílias no meio urbano. A partir da evidência de uma

das possibilidades de cultura¹ - modo de vida - da população que se contextualiza hoje, poderemos compreender inúmeros fatores que influenciaram o processo histórico. O que pretendemos aprofundar são os aspectos que surgem a partir da industrialização, especificamente em Maravilha, relatando principalmente o êxodo rural e as mudanças culturais, através da percepção de que o meio rural está cada vez mais abandonado.

Surge, então, a noção de que o homem é um sujeito histórico. Ele não é objeto, o que se percebe é que, como sujeito, produz sua própria história. Mas precisamos lembrar que a história humana vai além dos meios de produção, no qual está inserido. Embora, muitas vezes, não tendo opção, obriga-se a abandonar o meio em que vive, onde produziu sua cultura, para se inserir em outra que não lhe pertence, à qual é completamente alheio. Provocando uma ruptura entre o *velho* e o *novo*, que surge como algo diferente, repentino, muitas vezes não dando opções de escolha. O *novo* torna-se uma imposição.

Partindo do pressuposto básico: principalmente que a cultura é dinâmica, pois há sujeitos que mudam, que elaboram suas práticas culturais e que não é possível abraçar toda uma sociedade e tentar entendê-la ou descrevê-la na totalidade. Não podemos então, em nosso trabalho, ter a pretensão de querermos explicar todas as mudanças culturais e socioeconômicas que ocorreram em Maravilha a partir dos anos 80. O que podemos fazer é relatar partes, noções.

Para trabalharmos os dados da pesquisa, nos ativemos ao estudo de três fatores que foram significantes para a cidade: remetendo-nos à colonização para explicar o princípio da cidade, à industrialização nos anos 80, relatando a trajetória da instalação do frigorífico Aurora, e as mudanças que ocorreram após essa industrialização, onde mencionamos o êxodo rural e as mudanças culturais.

Além disso, cabe ressaltar a importância de perceber que a cidade de Maravilha se transforma. Muda em grande parte a cultura que já havia se formado pelos habitantes do meio urbano. Esse meio modifica-se devido ao grande número de pessoas que vieram de outras realidades, com outros costumes. Há inúmeros aspectos tradicionais e específicos da cultura maravilhense que permaneceram, mas com diferentes aspectos, ou são continuamente reinterpretados pela sociedade, que se forma a partir dos anos 80.

O trabalho está dividido em três partes. Num primeiro momento, descreveremos o início da pequena vila, citando os fatores que colaboraram para a vinda de migrantes, principalmente gaúchos, relatando aspectos culturais econômicos, bem como a atuação da Colonizadora Sul Brasil, que se utiliza inclusive do seminário construído para chamar os imigrantes à Maravilha. No segundo momento, trabalhamos com a instalação do frigorífico Aurora na cidade, bem como a questão da urbanização. Na última parte do texto analisamos as mudanças culturais que ocorreram com os pequenos agricultores que deixaram suas terras para trabalhar no frigorífico, bem como o aumento da população urbana, que deu-se de maneira rápida e desordenada.

2. “Todos vinham com um sonho”

Em busca do sonho da ‘fortuna’ todos vinham com um sonho, este sonho era de prosperidade e progresso. Maravilha sua colonização ocorreu na década de 50. Assim como todo o Oeste Catarinense pertencia ao ‘Velho Chapecó’², localizado no centro da microregião de Chapecó, emancipado em 25 de agosto de 1917 (Lei nº 1.147) (GIALDI, 1993, p. 68).

Parte desta área, pertencente ao município de Chapecó, foi adquirida do governo do Estado de Santa Catarina pela

Companhia Territorial Sul Brasil com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A Companhia Sul Brasil foi fundada em 25 de maio de 1925, com a finalidade de colonizar e ocupar a região. A aplicação de capital financeiro por empresários gaúchos no Oeste Catarinense deve-se ao fato de vislumbrarem nesse empreendimento fabulosos lucros, tanto na comercialização das madeiras, como das terras. Dos empresários da Companhia Sul Brasil, só alguns tinham experiência em colonização, para isso contratavam também pessoas experientes nesse ramo, com a tarefa de planejar e executar o plano de colonização (WERLANG, 1985).

Os colonizadores encontraram uma terra que era *puro mato*, não tinha nome oficial e os povos indígenas que por aqui passaram eram nômades ou caboclos. Segundo Gialdi, "Quando os gaúchos aqui descavalgam encontram um povo laborioso, mas que a história oficial não comenta" (Comunicação pessoal, 1999).

O que se observava no Oeste Catarinense, e também em Maravilha, é que as companhias colonizadoras não se preocupavam com caboclos ou posseiros como eram denominados os antigos habitantes.

A Companhia Territorial Sul Brasil, além de não reconhecer as terras do posseiro, também não tinha interesse em fixá-lo, pois não reservava para o mesmo uma área específica como havia feito para os italianos e alemães.

A expropriação do caboclo não gerou, nesta região, muitos conflitos:

Havia uma rotatividade muito grande. Os que ali moravam, vendiam o rancho para os que iam chegando do Rio Grande do Sul; deslocando-se para Campo Erê [...] A Companhia [...] tentava impedir a entrada de novos posseiros em suas terras (Idem).

Porém, quando se fala em ocupação do Oeste Catarinense e sobre a situação dos caboclos, Poli afirma que:

“Os colonizadores ao chegarem na região não pediam se o caboclo queria vender a terra, mas afirmavam que ele tinha que vender” (POLI, 1995, p. 73).

Os ranchos dos caboclos que aqui existiam foram aos poucos destruídos e sendo substituídos por colonos migrantes, descendentes de italianos e alemães do Rio Grande do Sul que buscavam o progresso³.

O primeiro marco do terreno da projetada cidade de Maravilha foi colocado em prática no dia 22 de agosto de 1951. Nesse planejamento foram tomadas como referências as crianças e a escola. Considerando-se os pontos cardeais, onde as avenidas foram construídas no sentido Norte-Sul e as ruas no sentido Leste-Oeste: “Maravilha foi projetada para o futuro” (Comunicação pessoal de Gialdi, 1999). O projeto inicial da cidade contava com 1.300 lotes urbanos de áreas variáveis, sendo 676 lotes da cidade baixa e 624 lotes da cidade alta e 255 chácaras. A parte alta da cidade era a preferida, julgando-se que a parte baixa seria muito pantanosa, obedecendo a um traçado de xadrez, onde reservaram-se lotes para campos de futebol, hospitais, escolas, igrejas e outros. O *povoamento* foi logo incentivado. A colonização teve como base os migrantes gaúchos, principalmente descendentes de alemães e italianos, e a religião teve grande ênfase na colonização.

Ao contrário de outras cidades do Oeste de Santa Catarina, onde privilegiou-se apenas uma das grandes religiões, em Maravilha duas religiões destacaram-se, a católica e luterana. A religião católica foi trazida pelos colonizadores italianos que, segundo Gialdi, (1993, p.68) “[...] acreditavam que em Maravilha havia tempo, lugar e gente para Deus.”

Aproximadamente em 1950, os migrantes gaúchos, em especial os descendentes de italianos, traziam consigo um firme propósito de religiosidade e devoção: “Lá em Santa

Cruz, nós rezava todo o domingo na missa e tudo dia nós se reunia pra rezar o terço em casa" (Comunicação pessoal de Elvira Cardoso).

Logo que chegaram, começaram a pensar na hipótese da construção de um seminário para atender às necessidades de formar "operários para o Senhor da messe" (GIALDI, 1993). Construção essa que foi apoiada pela Colonizadora Sul Brasil, para a qual fez a doação de 46 hectares de terra à Congregação da Sagrada Família.

Muitos moradores escolheram esta comunidade porque já contava com a presença de padres e até com um seminário; *lugar abençoado*. Todo esse imaginário de *Terra Santa* contribuiu para que cada vez mais pessoas, mais migrantes, escolhessem essa terra para viver. Portanto, a colina, hoje chamada de morro do seminário, seria o pára-raios para os moradores e suas residências na planície. Para os católicos, este lugar teria tudo para dar certo, pois era considerado por eles como um *lugar abençoado*, devido a presença do seminário e dos padres. Em outras áreas da colonização que não havia assistência religiosa regularmente, os padres vinham apenas algumas vezes por ano.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana foi trazida e freqüentada pelos colonizadores descendentes de alemães, também vindos do Rio Grande do Sul.

Além da questão religiosa que contribuiu para o início da cidade, havia também a riqueza natural da terra que, segundo Werlang (1992):

As colonizadoras foram organizadas a partir da perspectiva de lucros que o Oeste Catarinense acenava, através da venda de grande extensão de terras férteis e de madeira para exportação.

No caso de Maravilha o que se percebe é que a base da economia teria sido a madeira de lei (pinho, grápia, cedro...),

que se encontrava em grande escala. Segundo Gialdi (1993): “A indústria madeireira foi muito importante para que houvesse a colonização”, porém, essa indústria foi passageira, pela rápida escassez da madeira, devido à falta de controle. Os grandes desmatamentos desordenados levaram essa indústria a perder seu espaço. Também, como grande parte de seus lucros não eram investidos nessa região, as propriedades acabaram deslocando-se para outras regiões do país, principalmente no Norte e Centro Oeste do Brasil.

Entretanto, à medida que foi concretizando seus objetivos, que eram de vender grandes áreas de terra e juntar fabulosos lucros, a Companhia Territorial Sul Brasil foi diminuindo sua importância no Oeste Catarinense; ao final dos anos 80, o escritório localizado na Avenida Araucária havia fechado as portas.

A segunda base econômica de Maravilha foi o comércio. Inicialmente destacou-se o comércio local de primeiras necessidades para as famílias migrantes. Nesta questão a separação das duas principais etnias ficou evidente: “Em Maravilha conviviam-se constantemente com divisões, tanto em questões religiosas, quanto comerciais. Os alemães negociavam no Kasper, os italianos no comércio Bachinski” (Comunicação pessoal de Gialdi, 1999). Percebe-se que as ligações de comércio eram um processo de confiabilidade e de melhor entendimento da língua, dialeto italiano e alemão, porém, o grupo nativo, os caboclos, viviam de trocas entre si e com os colonizadores.

No processo de modernização e industrialização da cidade de Maravilha, percebemos que a indústria pode ser tomada como o terceiro momento econômico, em que se destacavam vários projetos industriais; alguns com êxito e outros não.

Contava-se até os anos 80 com algumas pequenas indústrias como a Companhia Industrial de Óleos Vegetais

Maravilha - CIVEMA. No período de 1960 a 1980, constituiu-se a idéia que a industrialização seria o único caminho necessário para o crescimento industrial da cidade. Neste período era habitual serem aprovadas leis de amparo aos grupos que pretendiam instalar fábricas, nem sempre examinando conseqüências de tais instalações e resultando muitas vezes em fracasso, o que aconteceu com a CIVEMA.

Ainda em 1969, formou-se uma Associação Anônima Comercial Industrial, FRIMASA, que era, na época, para desenvolver projeto de frigorífico de suínos. Esse projeto não se concretizou e houve a participação de vários acionistas, inclusive agricultores, que segundo Maldaner, “[...] os mesmos entraram com sacrifícios e frustraram-se as expectativas, pois o mesmo não se concretizou” (Comunicação pessoal, 1999).

Essas tentativas fracassadas originaram desconfianças entre a população maravilhense, em especial os agricultores, provocando um desânimo muito grande na comunidade. Maldaner salienta ainda que: “Não acreditava-se mais em associativismo”.

Partindo-se das mudanças substanciais, em que novos elementos como a indústria foram integrados à cidade, percebeu-se então, que até a década de 80,

[...] a população de Maravilha era de aproximadamente 22.241 habitantes, sendo que 15.031, habitavam no campo, praticando agricultura de subsistência, com pequena ênfase também na agropecuária, dessa população, ainda 7.210 eram urbanos (IBGE, 1991).

A existência de propriedades rurais com áreas reduzidas, principalmente nas regiões acidentadas, apresentavam um baixo nível de produtividade, além da falta de incentivos por parte dos governos federal e estadual, incentivando o êxodo rural. Outros fatores também acabaram contri-

buindo para que ocorresse a saída em massa dos trabalhadores rurais, buscando oportunidades de empregos em centros urbanos, onde houve uma concentração maior da população em busca de novas perspectivas de vida, a partir da industrialização.

Esse fenômeno, denominado industrialização, e consequentemente a urbanização dos grandes centros, ocorreu também a partir da aplicação de maior parcela do orçamento do Estado e do Município em obras essencialmente urbanas.

Se observarmos historicamente esse fenômeno que vem ocorrendo, em várias partes do Brasil, principalmente a partir do século XX, o campesinato torna-se minoria e, segundo Rossatto (1996, p. 19-20): “Esvaziam-se os campos. Enche-se as cidades [...] Nova ordem se estabelece, aos poucos desaparece o espaço que intermediava a cidade grande e o campo.” Porém, o homem rural que se urbaniza já não será mais o mesmo.

A rapidez desse processo de industrialização e urbanização, que paralelamente desencadeou amplos movimentos migratórios do campo para a cidade, consolidou uma nova forma de vida. Grande parte da população que veio para Maravilha na década de 80 tinha como objetivo encontrar um bom emprego e um bom lugar para viver.

Esse grande número de pessoas que veio para Maravilha no período pesquisado, deve-se ainda ao fato da construção e instalação do frigorífico Aurora, pois o mesmo demonstrava expectativas de muitos empregos. De certa forma, o frigorífico passou a ser a grande aspiração das pessoas, pois vieram para a cidade ter *vida boa* e trabalhar no frigorífico. Assim, buscamos demonstrar como, historicamente, se construiu esse ideal, bem como as diferenças culturais, sociais e econômicas que ocorreram em Maravilha a partir dessa industrialização.

3. Um sonho que se tornou realidade

Os principais centros da industrialização brasileira sempre foram as grandes cidades, que geralmente se tornam pólos regionais às custas do acúmulo de capitais e da exploração da mão-de-obra. Em Santa Catarina a industrialização, que começou a se expandir a partir dos anos 60, não aconteceu de maneira diferente. O que percebemos é que surgiram empresas, especialmente as do ramo cooperativo, que para se instalarem em um município não abriam mão de grandes privilégios como luz, água, estradas, terrenos, terraplanagem, isenção de impostos, por muitos longos anos, como também todo o sistema de comunicações exclusivamente para os interesses da mesma.

No caso específico da nossa pesquisa, que gira em torno da instalação do frigorífico Aurora, trabalhamos a seguir as vantagens que foram oferecidas pelo município de Maravilha para que esta empresa se instalasse.

Cooperativa Central Oeste Catarinense LTDA, Frigorífico de Aves, é formada por 16 cooperativas filiadas, sediadas desde o Oeste Catarinense até o Sul do Estado, congregando nos seu conjunto mais de 56.000 agricultores associados, que representam cerca de 300.000 catarinenses (PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DA COOPERATIVA, 1999).

Desde o ano de 1984 a comunidade maravilhense vinha criando a expectativa de ver, também em sua cidade, a indústria frigorífica. A administração municipal muito se empenhou para que este projeto se concretizasse e, em 26 de fevereiro de 1988, registrou-se na história de Maravilha mais um grande acontecimento em meio a um clima de euforia e de muitas expectativas, que naquela ocasião pensava-se que iria resolver o problema do desemprego.

O frigorífico Aurora, que teve seu registro definitivo desde 25 de agosto de 1989 sob nº 21052003693185 e instala-

ção na BR 282, Km 610, junto ao trevo de acesso à Maravilha, buscou em toda a região Oeste de Santa Catarina as melhores vantagens para sua instalação. Através de processo de licitação pública, em que os municípios apresentavam suas propostas, ofereciam as vantagens que seriam dadas ao frigorífico, caso ele se instalasse no município vencedor da concorrência. Como podemos observar abaixo, as vantagens maiores foram oferecidas pelo município de Maravilha:

O que pesou mais no dia da decisão foi um envelope fechado, lacrado, onde o município de Maravilha ofereceu dez itens muito importantes os quais oferecemos como por exemplo: água no pátio da indústria, onde tivemos que fazer uma MINI ITAIPÚ, uma barragem para absorver água suficiente para a Indústria; com o apoio da CELESC obtivemos a energia pronta para o consumo da indústria; areia colocada a disposição da mesma, tijolos para a completa edificação, acesso asfáltico da indústria enfim [...] são dez pesados itens, com os quais conseguimos destaque perante os outros municípios (MALDANER, 1998).

Na época os critérios foram, em primeiro lugar, rigorosos, o que pesava ainda mais na disputa entre todos os municípios da região, como: São Miguel do Oeste, Maravilha, Palmitos, Pinhalzinho e até mesmo Concórdia. Seria vitorioso o município que conseguisse colocar o maior número de cotas em aviários. O sistema de cotas era correspondente a 200 sacas de milho. Estas cotas, como podemos observar no discurso feito pela prefeitura municipal e pela cooperativa, seriam a salvação, prevendo uma democratização na avicultura a partir da construção de um grande frigorífico de aves que é o Aurora. Assim sendo, cada cota correspondia na época a 25 metros de aviário construído. Segundo o discurso oficial, a indústria transformaria 80 mil aves/dia, utilizando matéria-prima fornecida pelos cooperativados de 16 sociedades do Oeste que, juntas, reúnem 40 mil produtores.

A *democratização*, mencionada pelo presidente da Cooperativa Aurora, consistiria na participação de todos os produtores rurais que criam aves em regime familiar, no fornecimento de insumo à futura unidade industrial de Maravilha.

Como percebemos, a instalação do frigorífico tornou-se algo essencial para atender muitos interesses, principalmente para o poder público municipal. Construía-se, neste período, uma atração muito forte pelo projeto, de certa forma eufórica, em que buscava-se determinar o progresso e a geração de empregos em Maravilha, conforme o autor a seguir:

Essa euforia podia ser percebida nas grandes vantagens que o projeto exigia e na ansiedade do poder público em tornar realidade esse projeto. Essas vantagens seriam desde a isenção de impostos municipais por vinte anos até a sua completa infra-estrutura como: a doação de um imóvel de 271.127, 86 m², localizado às margens da BR 282, [...] terraplanagem e pavimentação asfáltica de acesso [...] os tijolos necessários para a edificação da obra [...] pedra britada [...] energia elétrica no local e telefone instalado (GIALDI, 1993, p. 203).

Nestes itens, percebemos que a prefeitura municipal não mediu esforços para que se concretizasse em local privilegiado esta obra. Além da doação do terreno, preocupou-se para que esta área tivesse sua localização privilegiada, em local nobre. Tanto é que a fachada da empresa é vista por todos os que passam pela BR 282, dando a entender que Maravilha é uma cidade industrializada e desenvolvida, e isto ficou bem claro quando o jornal *Celeiro* destacava no artigo, "Comissão de Indústria já Está Estruturada" que:

Após diversos contatos e reuniões em todos os segmentos da vida econômica e social de Maravilha, foi finalmente organizada a Comissão de Indústria, do município, que visa, em

primeiro plano, atrair indústrias de outros municípios para aqui instalar suas filiais, com o intuito de diminuir o grave problema do desemprego na cidade e ocupar a mão-de-obra excedente. A princípio, a Comissão, agora já estruturada [...], fará algumas visitas a Chapecó, afim de contactar com empresas daquele município, para ver do interesse das mesmas em instalar filiais em Maravilha sendo que a Prefeitura oferece todas as condições para tal (JORNAL CELEIRO, 1987, p. 3-4).

Os verdadeiros interesses da prefeitura no momento giravam em torno da arrecadação do ICMS, gerado pelo frigorífico Aurora, e isto na ocasião se fez sentir no discurso pregado, que a comunidade maravilhense pôde observar nos meios de comunicação, na época da sua instalação.

Pregava-se que o abate diário seria de 30 mil frangos, passando ao abate de 50 mil até o dia 15 de dezembro do ano de 1987. O que corresponde a 300 mil por semana, ou seja, igual ao número de pintinhos que estão sendo alojados no campo. O discurso feito na época exigiu a colocação à venda de aproximadamente 1.290 cotas. Estas cotas foram adquiridas apenas por agricultores que possuíam o capital exigido, pois estes empreendimentos não se destinavam a todos os agricultores. As cotas, em sua grande maioria, foram adquiridas por comerciantes e outros pequenos industriais de Maravilha. Certamente estes foram os mais beneficiados com a instalação do frigorífico Aurora.

Para fornecer a pedra britada, foi necessária a instalação de um britador, próximo à garagem de serviços da prefeitura; para atender as necessidades de energia elétrica que a empresa necessitava, foi recuperada uma das redes da subestação da chamada Linha Pitinga, localizada no interior de Maravilha; quanto à água, foi preciso a construção de uma barragem, que exigiu muitos esforços e trabalhos de técnicos e funcionários.

Percebe-se, assim, que durante certo período as prioridades do poder público resumiram-se em atender as necessida-

des da indústria, em nome do progresso da cidade de Maravilha, o que fez com que boa parte das máquinas da prefeitura ficassem efetuando as obras enquanto que as estradas do interior ficaram em precárias condições de tráfego. Os agricultores passaram a ter muitas dificuldades, pois sem estradas não tinham outro meio de transportar seus produtos.

Ainda no primeiro semestre de 1985 as máquinas começaram a ampliar o terreno para ali se instalar a grande obra, [...] boa parte das máquinas da prefeitura ficou efetuando as escavações [...]. Em prejuízo as estradas do interior [...] os motoristas reclamavam e os vendedores de produtos coloniais encontravam resistência dos compradores que se recusavam de ir na colônia buscar os produtos (GIALDI, 1993, p. 204).

A citação nos traz elementos relevantes sobre o empenho da prefeitura e do poder público, quando se fez sentir o esquecimento das estradas do interior. No período anterior à indústria, Maravilha vivia e dependia dos produtos oriundos do interior do município. Como ficaria a situação dos agricultores, que porventura necessitassem de tratamento médico, quando se sabe que este atendimento hospitalar encontra-se na cidade e não no interior? Na fala anterior percebe-se que as atenções estavam concentradas somente para a indústria que ali estava sendo estruturada e que naquele momento nada mais era prioridade, pois esta indústria modificaria a estrutura da pacata cidade. Maravilha transformou-se de forma rápida, e para entendermos o empenho na construção da Aurora e percebermos que ela se tornou prioridade, evidenciamos a fala do ex-prefeito Maldaner:

Fomos a Campo, abandonamos o gabinete na Prefeitura e fomos visitar todos os agricultores que tinham potencial de colocar um aviário, por que cota na época representava tantas sacas de milho. Cada cota representava 25 metros de aviário.

Tivemos boa receptividade, muitos maravilhenses acreditaram em nós juntamente com demais lideranças que nos ajudaram a colocar o maior número de cotas.

Percebe-se que este projeto não terminaria ali, pois essa agroindústria modificaria a estrutura da pequena e pacata cidade, que dos anos 80 a 90 teve uma concentração urbana em busca de empregos, principalmente atraídos por esta indústria. Formaria-se um novo espaço, onde o processo produtivo agrícola pressupunha transformações nos hábitos e relações sociais.

Sendo que Maravilha constituía-se de pequenos agricultores, houve então uma alteração na vida destes, visando a matéria-prima. As aves, para abastecer a agroindústria, passaram a ser produzidas em grande escala.

Convém salientar que a população urbana, segundo dados oficiais com os censos realizados pelo IBGE, apresentou um contínuo crescimento, em vista da indústria instalada em Maravilha, como podemos observar na tabela a seguir:

População Rural e Urbana de Maravilha 1960 - 1991

Ano	1960	1970	1980	1991
População Rural	6.048	14.098	15.031	11.937
População Urbana	1.203	3.544	7.210	12.174
Total	7.251	17.642	22.241	24.111

Estes dados constam nos anuários estatísticos do IBGE - nos anos de 1960 a 1991.

A tabela é a referência do grande crescimento da população urbana nas décadas de 80 e 90, havendo assim uma concentração na cidade. Todavia, não podemos esquecer que nas incertezas no tocante à política agrícola, a falta de incentivos também contribuiu para o êxodo rural.

Maravilha é, na sua maioria, constituída de minifúndios, fator que também contribuiu para o êxodo rural em massa junto à atração exercida pela empresa - oferta de emprego e garantia de atendimento mensal fixo - uma vez que o agricultor faz apenas duas colheitas por ano.

Observando as atitudes costumeiras do *colono* com a lógica do capital, o que também contribuiu para sua expropriação foi o uso de máquinas e fertilizantes. Enfim, a modernização da agricultura expulsa o pequeno agricultor familiar de seu meio para inseri-lo em outro ambiente desconhecido. Maravilha deslumbrava-se com o grande atrativo da industrialização e recebia os pequenos agricultores rurais que vinham na busca de emprego.

Com a instalação do frigorífico em Maravilha, percebemos que ocorreu mais um processo de seleção no campo. Para que a indústria se instalasse, seria necessário a construção de aviários. Seria uma opção ou uma alternativa para equilibrar os pequenos agricultores, porém, esses aviários tornaram-se caros para a maioria deles. Além desses elementos, na memória dos agricultores estavam presentes, mais uma vez, as tentativas frustradas de cooperativas que não haviam dado certo, beirando um clima de desconfiança. O povo estava desacreditado. Esta frustração se fez sentir por ocasião da tentativa da construção do frigorífico de suínos que iria se chamar FRIMASA:

Como conseqüência de experiências negativas que aconteceram no passado, antes da nossa época, onde podemos aqui lembrar que existia a FRIMASA - Frigorífico de Suínos, que não se concretizou e onde houve a participação de vários acionistas inclusive agricultores que todo mundo entraram com sacrifício e frustraram-se as expectativas. Existia a casa Economia Do e tantas outras iniciativas [...] Então, existia um desanimo muito grande na comunidade de Maravilha, não acreditava-se mais em associativismo [...], o povo de

Maravilha estava muito desacreditado em iniciativas e com a participação de todos, a nossa meta foi abrir as portas do município (MALDANER, 1999).

Percebe-se hoje que *abrir as portas do município* não foi um objetivo alcançado por todos, pois a cooperativa colocou à venda para os colonos cotas de participação no frigorífico. Quem efetuou a venda dessas cotas foi a prefeitura municipal, como nos relatou o então prefeito Maldaner. A grande maioria das cotas não foi adquirida por pequenos agricultores que se encontravam descapitalizados para a realização desse projeto. Nos caminhos e descaminhos desse processo de modernização forma-se um novo espaço, uma nova realidade.

Com a migração das famílias rurais para as cidades, principalmente o caso de Maravilha, novos bairros surgiram, e com eles a falta de saneamento básico, consequentemente a mortalidade infantil, a favelização dessas áreas e a criminalidade urbana. Desde então pode-se ver o crescimento dos bairros, principalmente no morro da cidade, hoje chamado de Serra Pelada. Neste local encontra-se uma população que está marginalizada ao processo de modernização e urbanização da cidade. Evidenciam-se dois espaços bem definidos na urbanização de Maravilha. Um para aqueles que estão incluídos no processo e que desfrutam de uma boa infra-estrutura e completo saneamento básico. Enquanto que o outro, sem as mínimas condições de vida digna, está reservado aos pobres marginalizados e excluídos das benesses da urbanização. No espaço da inclusão, reservado à industrialização, encontram-se ruas ampliadas e arborizadas, este foi determinado a ser o cartão de visitas da cidade de Maravilha; foi asfaltado e remodelado e faz a ligação da cidade com o frigorífico Aurora, localizado às margens da BR-282.

4. Sonho?

No início da década de 80, a situação para os agricultores pobres do Oeste de Santa Catarina, e em grande parte do nosso país, era mesmo um impasse. No campo não dava para ficar. Ir em busca de melhores condições de vida nas cidades, muitas vezes, despertava medo e pavor de enfrentar uma nova realidade, à qual teriam que se habituar por uma questão de sobrevivência. Embora não seja dos nossos entrevistados, a fala do migrante, a seguir, ilustra muito bem esta situação:

[...] a gente de empregado, a gente não se manda. A gente precisa de algum dia ir ver o pai, a mãe a gente não tem aquela possibilidade, a não ser quando pedisse uma folguinha no final de semana, a gente ia lá mas era um meio dia lá e tinha que voltar de novo. Eu lá me sentia como se estivesse na cadeia. Tem que estar no horário (Apud PAULILO, 1996, p. 28).

Em Maravilha, verificamos que, após a vinda em massa da população para a cidade, a forma de viver, pensar e agir mudou. Houve apropriação de novos valores e de uma nova cultura, que gerou conflitos e contradições marcadas pela nova forma de viver. Aconteceu uma fragmentação, uma ruptura da forma como viviam os agricultores no campo para se adaptarem à vida urbana, como descreveu um agricultor migrante:

Lá na roça, a gente vivia melhor, porque na cidade a minha capacidade de ganhar um bom salário, eu não tenho. Para ganhar um bom salário nós temos que ser bom mecânico ou ter uma profissão boa, tem que trabalhar no escritório de bancário. Não tenho capacidade de pagar aluguel, água, luz [...], na roça, por mais que a terra produzia pouco, uma galinha, um porquinho, colhe milho, feijão [...] Não compra lenha, nem água (Ibidem, p. 128).

A citação acima nos traz elementos relevantes: a falta de preparo do agricultor para as profissões urbanas, o alto custo dos alimentos no comércio, etc. Tudo isso faz com que o homem que saiu do campo e foi viver na cidade, a partir da industrialização, sinta-se deslocado e fora de seu habitat.

No campo as pessoas, além de cultivar seus próprios alimentos, cultivam ainda a amizade, que é muito importante. Os encontros com os amigos eram algo célebre, que trazia vida e esperança às comunidades rurais. As pessoas trabalhavam a semana toda esperando o domingo, no qual levantavam cedo, arrumavam a casa e os animais, que exigiam muito cuidado. Tomavam o seu chimarrão e depois iam para o culto, onde encontravam os seus amigos. O almoço era geralmente com a família e com fartura de alimentos variados e naturais. Logo após o almoço os homens iam para os campos de futebol e as mulheres se reuniam no salão para jogar bolãozinho, tomar chimarrão com as vizinhas e trocar idéias sobre os afazeres da semana. Aproveitavam ainda esse espaço para aprender alguma receita nova, algum remédio caseiro e receber orientações do Movimento das Mulheres Agricultoras.

Tudo o que relatamos acima parece pouco e simples, mas para esse povo, essa gente que viveu e ainda vive dessa forma, é muito importante, faz com que vivam felizes e sintam-se capazes.

Com a falta de assistência, e a desestruturação do agricultor devido à política agrícola, que atende apenas aos interesses dos grandes produtores, o homem do campo que não tem alternativas financeiras para fazer grandes investimentos em implementos agrícolas, vê-se obrigado a buscar alternativas de vida.

Buscam então, nos centros urbanos, a provável saída para os problemas. Quando chegam na cidade vêem-se alheios a quase tudo o que lá existe. Vêem-se arrancados de seus costumes. São obrigados a viver numa cultura - modo

de vida - que não conhecem. Surge, então, um desafio na busca de novos caminhos. Processo este que conjuga vários fatores. Para aprofundar esta idéia citamos Moser (1995, p. 8) quando retrata situação semelhante ao afirmar que: "O crescimento econômico e industrial, a migração acelerada, um padrão de crescimento industrial e um padrão de crescimento urbano são caracterizados pela segregação sócio-espaical de amplos contingentes de trabalhadores."

Assim, o crescimento econômico dos centros urbanos, devido à industrialização, gera também segregações que podem ser percebidas através do surgimento de precárias moradias, geralmente carentes de qualquer infra-estrutura, como luz, água, pavimentação e saneamento.

No caso da industrialização de Maravilha, também constata-se grandes mudanças a partir dos anos 80. Com a migração em massa dos trabalhadores rurais para a cidade, ocorreu, então, um inchaço, formando um grande contingente humano. Surgiram novos bairros. Sobre a formação dos bairros, Pedro (Comunicação pessoal, 1998) relata:

Quando eu cheguei aqui em 82, era um município pequeno. Mas com o transcorrer do tempo em que os anos foram se passando e com a vinda do Frigorífico para Maravilha, deu uma explosão. [...] O desenvolvimento urbano não conseguiu acompanhar a vinda do pessoal de outros municípios, houve um aumento significativo de moradores que vieram, como eu que cheguei, teve tantos outros que vieram [...], a própria AURORA trouxe o pessoal com experiência, lá de Joaçaba, Concórdia e Chapecó para trabalhar aqui, em Maravilha.

Maravilha, após a instalação do frigorífico Aurora, recebeu um grande contingente de pessoas. Na busca de um emprego, muitas famílias deixaram outras regiões do Oeste de Santa Catarina e até mesmo do Sudoeste do estado do Paraná, para se instalarem em Maravilha. Além das pessoas que vieram para a cidade devido à expectativa de em-

prego, o próprio frigorífico trouxe pessoas especializadas de outros municípios. Assim, os cargos com salários mais elevados foram destinados às pessoas vindas de Chapecó, Joaçaba e Concórdia. Verificamos, então, que a empresa não estava muito interessada em favorecer os moradores de Maravilha, pois, para não correr o risco de perder tempo ensinando um *leigo*, para os cargos de confiança, trouxe pessoas especializadas de outros lugares, sempre pondo o lucro como principal objetivo.

Percebe-se, então, que Maravilha não estava realmente preparada para receber um número tão grande de moradores. Não havia infra-estrutura, justamente por ser uma cidade pequena, não existiam projetos urbanísticos. E, segundo Pedro (Comunicação pessoal) “muitos terrenos da cidade eram clandestinos e muitos loteamentos não tinham o mínimo de estrutura.”

Ocorreu, assim, em Maravilha, uma construção rápida de vários bairros, onde destacamos o conjunto habitacional COHAB, que localiza-se nas proximidades da Aurora, em que:

Em relação a outros bairros muitos existiam, mas com muito menos infra-estrutura, com muito menos moradores. Não tinha, e especialmente aqui [...]. Os primeiros moradores, em torno de 70% à 80% do pessoal que morava no conjunto, trabalhava na Aurora.

Ocorreu em Maravilha uma grande expansão em termos de território urbano. Muitas pessoas vinham em busca de trabalho e um sonho de acumular bens e garantir seu futuro e dos seus filhos. Sabendo que o trabalho é a ação transformadora da realidade, “[...] o trabalho humano pode ser definido como a ação dirigida por finalidades conscientes e por um projeto, na luta pela sobrevivência” (HEERDT, 1996, p. 6). Neste caso, o trabalho, além de transformar a natureza, humanizando-a ou desumanizando-a, transforma o próprio homem.

Remetendo-nos à historicidade do trabalho, percebemos que ele permite o acúmulo do capital, a compra de matérias-primas e de máquinas, o que faz com que muitas famílias, que desenvolviam um trabalho doméstico de subsistência, vejam-se obrigadas a vender sua força de trabalho em troca de um salário.

Reportando-nos a Maravilha, percebemos que, a partir dos anos 80, uma Revolução Verde ocorrida na agricultura, onde começa o uso de insumos agrícolas e a padronização da agricultura, o pequeno agricultor vê-se obrigado a deixar seu espaço, onde tem ampla ligação, para buscar sua subsistência de uma outra forma. Nesse novo espaço, a indústria compra seu trabalho por um salário. Esse processo desestrutura o trabalhador. Ativo que era, na indústria começa a mexer somente com uma peça da máquina, tornando-se um trabalho rotineiro e repetitivo.

Outro elemento que faz com que o sujeito, que teve que mudar completamente sua realidade e tenha sérias dificuldades, é a questão da crescente competição pelo mercado e as tecnologias, onde é muito freqüente nas indústrias trocar a mão-de-obra do trabalhador pela atuação da máquina, resultando em redução de quadros e em mais horas de trabalho para menor número de trabalhadores.

Merece atenção a grande rotatividade de moradores em Maravilha, pois a Aurora faz seguidamente alternância de funcionários. Ainda sobre esse tema, Pedro nos contou que:

A AURORA faz muito rodízio de funcionários, entra e sai, sai e entra. Então, isso trás muita gente que vieram de outros lugares e estão voltando, porque em Maravilha se sai do Frigorífico não tem onde se colocar.

Então, os colonos que saíram do campo não tinham mais emprego, pois a cidade não oferecia muitas opções de

trabalho. Além da questão do desemprego, que acontece porque em Maravilha apenas o frigorífico é uma indústria de grande porte, a cidade enfrenta ainda o problema do rápido desenvolvimento da rede urbana, que deu-se de forma muito acelerada impossibilitando a execução de um plano de metas para satisfazer as necessidades dos habitantes. Esse desenvolvimento pode ser percebido nos colégios da cidade, que receberam, a partir dos anos 80, uma grande quantidade de alunos. Analisando o livro Tombo da Igreja católica, percebemos que houve uma crescente participação de fiéis na matriz, além da formação de novas capelas. Percebemos, ainda que: “em 1988, 210 crianças fizeram a primeira comunhão no interior e apenas 82 na cidade” (LIVRO TOMBO, 1983, p.111). Nos anos seguintes, constatamos uma inversão nestes números. A maior parte dos participantes se encontravam na cidade, havendo um abandono do campo.

A formação de novos bairros e novas capelas na cidade também se tornou uma exigência a partir dos anos 80: “a COHAB, está situada no novo bairro e possui 158 casas. Vimos a necessidade de lá formar uma comunidade” (Comunicação pessoal de Pedro).

Tornou-se visível a transformação que ocorreu na cidade, após a instalação do frigorífico Aurora. Formaram-se novos bairros e as atenções estavam todas voltadas para o meio urbano; incentivava-se a urbanização e embelezamento das ruas principais e, nos arredores da cidade, formaram-se alguns novos bairros sem estrutura.

O frigorífico tornou-se um grande atrativo para Maravilha e, em troca, a cidade ofereceu condições de embelezamento das ruas principais. Até mesmo como uma exigência da Aurora, procurou-se formar um cartão postal de certas áreas de Maravilha, delimitando espaços diferentes: industrial e residencial.

Percebemos, então, que migrar para a cidade acarretou uma série de dificuldades, tanto pela falta de preparo dos pequenos agricultores como a falta de estrutura que a cidade oferecia, entre elas percebe-se a questão do horário rigoroso, como afirmou Pedro, "lá se é sempre mandado, vive-se de baixo de ordens." O salário também não oferecia condições dignas para o sustento da família, pois na cidade tudo é comprado, se considerarmos que os agricultores que moram na roça não precisam comprar o essencial para a alimentação da família, eles compram apenas o que não conseguem produzir em suas propriedades.

A falta da profissionalização também gera muitos problemas; os despreparados não encontram uma boa profissão. Na agroindústria, que na maioria das oportunidades de emprego oferece serviços braçais, os migrantes conseguem dar conta, mas a partir do momento que perdem esse trabalho, vêem-se desestruturados e sem saída. Outra dificuldade encontrada pelas famílias rurais que migram para a cidade é educar os filhos, há muitos perigos, acidentes, drogas e até mesmo a prostituição.

Muitos consideraram a ida para a cidade uma solução e hoje estão sem alternativas, porque as cidades já não oferecem condições dignas de sobrevivência; o campo continua desestruturado, percebemos que assim constitui-se um dilema. Tentar colocar esses agricultores novamente em contato com a terra, com a lavoura, e tentar fazer do meio rural um bom lugar para se viver, poderia ser o melhor, uma alternativa, mas hoje já não seria fácil conquistar a confiança dos agricultores. Ao falar de sua vida passada, muitos mostram resistência, desconfiados das falsas promessas de melhorias nas propostas apresentadas nos pacotes agrícolas, que prometiam assistência e créditos, mas que na verdade eram apenas mais uma forma de excluir o pequeno agricultor do campo.

Tentar alguma alternativa no meio urbano também não é algo fácil. Pela falta de profissionalização dos agricultores e pelo constante uso da tecnologia na indústria, que forma a cada dia um contingente maior de sobrantes que são levados à marginalização e à exclusão pelo uso da máquina, sem trabalho, procuram satisfazer as necessidades de sua família de outras formas que não seriam as mais corretas, acarretando a violência e o roubo.

A instalação do frigorífico Aurora era um sonho de prosperidade e progresso, mas acabou gerando, também, conseqüências negativas que excluem, cada vez mais, os menos favorecidos. Não se está preocupado com o lado humano das pessoas, o que se leva em conta é apenas o lucro e o poder.

5. Considerações finais

Consideramos que este trabalho de pesquisa possibilitou a compreensão de aspectos do desenvolvimento da cidade de Maravilha, que a partir da industrialização cria suas particularidades e possibilidades.

É difícil discorrer sobre o desenvolvimento das cidades brasileiras sem nos reportarmos, ainda que sucintamente, aos destaques econômicos que influenciaram não somente a fundação dos pequenos povoados, como também o nível de sua expansão. No caso específico da colonização de Maravilha, percebemos que um dos fatores para a decisiva fixação dos descendentes de imigrantes alemães e italianos, foram as condições naturais. Ao mesmo tempo, busca historicizar a rápida urbanização em Maravilha, após a instalação do frigorífico Aurora, a partir dos anos 80, e descrever as dificuldades urbanas que a cidade enfrenta. Além de ressaltarmos a questão das mudanças que ocorrem a partir

da vinda em massa da população rural, que deixa o campo devido à desagregação que ocorre a partir da Revolução Verde de 1970, podemos destacar a falta de uma reforma agrária. Descrevemos ainda a industrialização, que atraiu mão-de-obra para a cidade, que contribuiu para que ocorresse a rápida transformação da cidade maravilhense.

Destacamos ainda em nosso trabalho as questões sociais, as mudanças culturais que ocorreram a partir da vinda em massa dos trabalhadores, principalmente rurais para a cidade.

Nosso trabalho é apenas uma pesquisa que enfatiza alguns aspectos das mudanças ocorridas na cidade de Maravilha, mas que não pretende ser a verdade absoluta. Nossa pesquisa é apenas uma entre muitas que poderão surgir.

6. Notas

1 Cultura aqui é entendida a partir de uma concepção thompsoniana, ou seja, como *modos de vida*. Para maiores informações verificar THOMPSON, Eduard Palmer. O termo ausente: experiência. In: *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 180-201. Ou ainda, poderá ser consultada a obra de WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, que aborda como o conceito de cultura foi sendo construído historicamente através de vários significados como: cultivo, civilização, sinônimo de artes, literatura, religião; como social, antropológico; como superestrutura ou simples idéias determinadas pela economia; todo um modo de vida e como um processo social constitutivo.

2 O Velho Chapecó, na época da colonização, era uma grande extensão de terra, que compreendia mais de 50 municípios, hoje emancipados.

3 A categoria progresso permeia a grande maioria das falas de colonizadores ou descendentes que, segundo discurso corrente, foram eles que construíram a História e que, portanto, trouxeram para o Oeste Catarinense o desenvolvimento. Esta idéia de progresso inspira-se numa concepção positivista de História em que todos os esforços devem ser canalizados para chegar ao fim último, ou seja, a civilização.

7. Referências

CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARLOS, Ana Fani Alexandre. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.

CHIARELLO, Marcelino. *Etnicidade e constituição dos brasileiros em Caxambú do Sul*. Chapecó: UNOESC, 1998 (TCC apresentado ao Curso de História).

FENELON, Deá Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: *Projeto História*. nº 10. São Paulo: EDUC, 1983.

FERREIRA, Heitor Lima. *História política econômica e industrial do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1976, p. 280.

_____. (Org.) *Cidades*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

GIALDI, Francisco. *Maravilha: sua terra, sua gente, sua história*. Porto Alegre: Ed. EST, 1993.

HEERDT. A ecologia à serviço do homem. In: *Jornal Missão Jovem*. Florianópolis: maio de 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

LIVRO TOMBO. Igreja Católica de Maravilha, 1983 e 1988.

MOSER, Liliâne. Como o mangue virou cidade. In: *Anais do III Encontro de Cientistas Sociais*, vol.2. Chapecó: UNOESC, 1995.

PAIM, Elison Antonio. *Fala professor(a): o ensino de história em Chapecó (1970 - 1990)*. Chapecó: Grifos, 1997.

PAULILO, Maria Inês Silveira. *Terra à vista...e longe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

PILATI, José. *História da colonização de Maravilha*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

POLI, Jaci. Caboclos: pioneirismo e marginalização. In: *Cadernos do CEOM*, de nº 1 a nº 8. Chapecó: UNOESC, 1995.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronald (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RELATÓRIO DO CENSO DEMOGRÁFICO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1991.

SAMUEL, Raphael. Documentação história local e história oral. In: *História em quadro-negro*. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1990.

THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência: In: *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 180 – 201.

VAZ, Nilson Popini. *O centro histórico de Florianópolis*. Espaço Público do Ritual, Florianópolis, 1991.

WERLANG, Alceu. Companhias colonizadoras. In: *Cadernos do CEOM, nº 9*. Chapecó: UNOESC, 1995.

____. Atuação da Cia. Colonizadora Sul Brasil - 1925 a 1954. (Dissertação de mestrado), 1992.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e cidade, na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

7.1. Entrevistas

GIALDI. Maravilha, 1999.

MALDANER. Maravilha, 13 de nov. de 1998.

PEDRO. Maravilha, 1999.

ELVIRA. Maravilha, 1999.

PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DA COOPERATIVA, 1999.

JORNAL CELEIRO. Comissão de indústria já está estruturada. 1987.

Abstract

Maravilha is located in the West of Santa Catarina State. Until 1987, its economy was basically agricultural, the biggest part of its population lived in the countryside. When *Aurora* frigorific was installed, an intense migratory process from countryside to city happened. We tried to abroach in this article how this migration influenced the construction and distribution of urban spaces. Through verbal statements and others sources, we tried to understand how different subjects get involved in this process. It is emphasized the big involvement of public force in to invest high amounts to give a new structure to the city or to establish the frigorific. The reorganization process of urban spaces evidenced a social divison: the people that were included in this process, and the people that were excluded in this process - unemployed, bad conditions of life, etc.

Key Words: Space occupation, migrations from countryside to city, industrialization, urbanization.

CADERNOS DO CEOM / CCHS / CAMPUS CHAPECÓ

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os Cadernos do CEOM são publicações temáticas, editadas desde 1986, que divulgam trabalhos de pesquisa sobre o processo sociocultural da região Oeste de Santa Catarina.

A partir da necessidade de troca de experiências com outros pesquisadores, desde o segundo semestre de 2000 faz parte de nossa política editorial a semestralidade e a inclusão de pesquisas sobre diferentes espaços sociais com vínculo temático comum.

Para os próximos números estamos incluindo resenhas sobre a temática, que devem ser enviadas na mesma data estipulada para os artigos.

Abaixo as orientações para publicação:

1. Os artigos devem conter no máximo 30 laudas, as resenhas no máximo 5 laudas, de 20 linhas e 70 toques (espaço 1,5).

2. Todos os artigos devem conter título, resumo e palavras-chave em português e inglês.

3. O artigo e/ou resenha devem ser enviados em disquete, com cópia impressa, ou por *e-mail*, digitado em programa Word 6 for Windows, letra "Times New Roman".

4. O autor deve mandar uma breve nota biográfica que indique onde ensina e/ou pesquisa, sua área de trabalho e principais publicações.

5. As notas devem vir no final do artigo e devem ser de cunho explicativo. As referências bibliográficas ao longo do artigo deverão ser no formato "autor-data" e as referências completas devem vir no final do texto.

6. Artigos enviados espontaneamente devem ser inéditos no país.

7. Os artigos recebidos serão examinados pela Comissão Editorial do Centro de Ciências Humanas e Sociais e por avaliadores externos.

8. As fotos (se for o caso) devem ser em preto e branco, com legendas e créditos.

9. Cada autor de artigo ou resenha receberá 2 (dois) exemplares da revista.

10. **Os artigos devem ser enviados para Josiane Roza de Oliveira, à Rua Porto Alegre, 331 D – 3º Andar. Caixa Postal 747, CEP: 89802-130, Chapecó – SC, Brasil. Ou pelo e-mail ceom@unoesc.rct-sc.br.**

Programação para os próximos números:

Cadernos do CEOM nº 15 - 1º semestre de 2002 - "Migrações e Organizações Sociais".

Cadernos do CEOM nº 16 - 2º semestre de 2002 - "Representações do Corpo". Os artigos para este número devem ser enviados ao CEOM até o dia **30 de setembro de 2002.**